

As Teses de Genebra (1649): Uma Jóia Recentemente Descoberta

Rev. Angus Stewart

(levemente modificado de um artigo originalmente publicado no *Jornal Britânico Reformado*)

Introdução

Entre os 127 credos nos quatro volumes das *Confissões Reformadas do Século 16 e 17 em Tradução para o Inglês*, compilado e editado por James T. Denisson, Jr., existe um documento altamente significativo disponível na língua inglesa, antes de agora, somente em uma Th.D Tese de 1971 para uma universidade Canadense.¹ Essa “jóia recentemente descoberta,” como o título deste artigo coloca, são as Teses de Genebra (1649). Esta linda, pequena jóia, aninha-se perto do meio do volume 4 do trabalho de Dennison (pp. 413-422), que inclui sua introdução (pp. 413-415), sua transcrição do documento primário em Latim (pp. 415-418) e sua tradução revisada para o Inglês (pp. 418-422).

As *Teses de Genebra* foram escritas em oposição à teologia do herege Moise Amyraut (1596-1664) (dá Amiraldianismo), o mais famoso estudante e professor da Academia de Saumur (daí Salmurianismo) na França ocidental. No coração podre da doutrina de Amyraut da hipotética graça universal, tanto da hipotética eleição universal e da hipotética expiação universal, está a noção que Deus deseja salvar a todos, cabeça por cabeça, incluindo o réprobo---hoje chamada de livre oferta ou oferta bem intencionada.

Antoine Léger (1594-1661) foi um dos dois pastores e professors teológicos da igreja e academia de Genebra que redigiu as *Teses de Genebra*. Léger teve um papel em conexão com duas outras confissões Reformadas, a primeira sendo a Confissão de Cyril Lukaris (1629). Enquanto ministro em uma igreja nos Alpes Italianos:

Em 1628, a Venerável Companhia de Pastores em Genebra sugeriu que ele fosse à Constantinopla como um capelão da embaixada Holandesa. Logo depois de sua chegada, Léger se tornou amigo íntimo de Cyril e foi recebido como um espírito de afinidade teológica (vol. 4, pp. 154-155).

Segundo, antes de sua morte em 1661, Léger escreveu o prefácio da Confissão Valdense (1662) (vol. 4, pp. 496-498).

O outro teólogo que redigiu as *Teses de Genebra* foi Théodore Tronchin (1582-1657). Tronchin estudou teologia em Genebra e Basileia (no que é hoje a Suíça), Heidelberg (Alemanha), Franeker e Leiden (Holanda). Junto com Giovanni Diodati (1576-1649), a quem ele mais tarde sucedeu como professor teológico, Tronchin era

um delegado de Genebra para o grande Sínodo de Dordt que condenou o Arminianismo. Trinta anos depois ele escreveu as *Teses de Genebra* na mesma tradição da graça soberana, como os Cânons de Dordt (1618-1619), contra o inimigo mais sutil (Amiraldianismo). É digno de nota que Tronchin era amplamente considerado por ser um teólogo irênico.

Os cinco capítulos das *Teses de Genebra* são intitulados “I. Concernente ao Pecado Original” (contra imputação mediada, especialmente ensinada por Saumur’s Josué de la Place), “II. Concernente a Predestinação,” “III. Concernente a Redenção,” “IV. Concernente a Disposição do Homem à Graça” e “V. Concernente as Promessas Feitas aos Crentes e Suas Prerrogativas.” Como os mais famosos cinco capítulos dos *Cânons de Dordt* (1618-1619), do qual nós temos os Cinco Pontos do Calvinismo que as *Teses de Genebra* procuraram guardar, este credo muito mais curto consiste de afirmações positivas (que variam de dois a quatro artigos) e rejeições de erros (de um a 4 artigos).

Artigos Anti-Livre Oferta

É altamente significativa que nas teses II, III e IV (as que lidam com predestinação, redenção e a disposição do homem à graça), sete dos dezessete artigos, consistindo de uma de dez afirmações positivas e um número incrivelmente alto de seis das sete rejeições de erros, claramente se vê a oposição a todos os principais dogmas da oferta bem intencionada. Estes são os artigos contra a livre oferta:

II:R. Rejeição do erro daqueles:

1. Que ensinam que em Deus existe, sob a condição de fé e arrependimento, alguma boa vontade de salvar aqueles que perecem.
2. Que, usando economia como uma desculpa, imputam a Deus a inclinação ou volição ou disposição ou afeição ou um amor menos ardente ou poder ou intenção ou desejo ou vontade ou conselho ou decreto ou pacto ou necessidade ou benevolência condicional universal, pela qual Ele deseja que cada homem seja salvo se Eles crerem em Cristo.
3. Que atribuem à Deus um projeto anterior à eleição pelo qual Ele determinou ser misericordioso com toda a raça humana sem limite.
4. Que atribuem à Deus uma dupla benevolência, uma clara ou primeira e universal pela qual Ele desejou cada pessoa ser salva: a outra mais clara, secundária e particular direcionada aos eleitos (pp. 419-420).

III:R. Rejeição do erro daqueles:

1. Que ensinam que Cristo morreu por todos suficientemente, não meramente por razões de valor mas também por razão de intenção; ou por todos condicionalmente, se eles crescerem; ou que afirmam que a Escritura ensina que Cristo morreu por todos os homens universalmente; e, mais especialmente, as passagens da Escritura (Ezequiel 18:21 etc. e 33:11; João 3:16; I Tim. 2:4; 2 Pedro 3:9) devem ser estendidas para todos e, por esses, a universalidade do amor e da graça deve ser provada (p. 421).²

IV. 1. Desde que as condições necessárias para a salvação são impossíveis para o réprobo, Deus não tem intenção na salvação deles condicionalmente se eles crerem e se arrependem a não ser que seja suposto que exista uma vazia, enganosa e inútil intenção e vontade de Deus (p. 421).

IV:R. Rejeição do erro daqueles:

2. Que ensinam que por Sua disposição revelada, Deus deseja a salvação de todos.

A Vontade de Deus

Em oposição à oferta bem intencionada que postula uma vontade do Todo-Poderoso de salvar a todos, como afirma o último artigo acima, as *Teses de Genebra* rejeitam “o erro daqueles: Que ensinam que por Sua disposição revelada, Deus deseja a salvação de todos” (IV:R:2). Das quatro rejeições de erro em “II. Concernente a Predestinação,” três rejeitam a visão da livre oferta em relação a vontade de Deus. Este credo, da Genebra de Calvino, rejeita as visões daqueles que

(1) “ensinam que em Deus existe ... alguma boa vontade de salvar aqueles que perecem” (II:R:1);

(2) “atribuem a Deus a inclinação ou volição ou disposição ou afeição ou um amor menos ardente ou poder ou intenção ou desejo ou vontade ou conselho ou decreto ou pacto ou necessidade ou benevolência condicional universal, pela qual Ele deseja cada homem ser salvo se Eles crerem em Cristo” (II:R:2); e

(3) “atribuem a Deus ... um [desejo] universal pelo qual Ele desejou a salvação de cada pessoa” (II:R:4).

Vamos analisar os vários componentes dos erros que as *Teses de Genebra* fortemente se opõe. Primeiro, o problema é a vontade de Deus, ambos como um verbo: Ele “deseja” ou “desejou” (II:R:2, 4; IV:R:2), e como um substantivo: Sua “vontade” (II:R:1, 2; IV:1). A vontade de Jeová é dita como Sua “disposição” (II:R:2), até mesmo como Sua “disposição revelada” (IV:R:2). Além da “vontade” e “disposição” de Jeová, a lista do artigo II:R:2 inclui a “inclinação” ou “volição” ou “desejo” de Deus, bem como oito diferentes termos!

Segundo, essa vontade de Deus é “universal” (II:R:2), concernente à “todos” (IV:R:2), “cada pessoa” (II:R:4) e “toda a raça humana sem limite” (II:R:3), incluindo “aqueles que perecem” (II:R:1) que são os “réprobos” (IV:1)—uma palavra que as *Teses de Genebra*, diferente de muitos em nossos dias, não estão com medo de usar.

Terceiro, essa visão da vontade de Deus concernente a cada ser humano réprobo é que Ele deseja a “salvação” deles (IV:1; IV:R:2) ou “salvar” (II:R:1) ou que eles sejam “salvos” (II:R:2, 4).

Quarto, em rejeição das concepções daqueles que “imputam” (II:R:2) ou “atribuem” (II:R:4) à Deus, ou “ensinam” (II:R:1; IV:R:2) que Ele tem uma vontade de salvar o réprobo, as *Teses de Genebra* do século dezessete estão claramente rejeitando o que em nossa geração se entende por e é chamado de livre oferta. Quantas vezes em nossos dias nós escutamos Calvinistas professos “ensinarem que por Sua disposição revelada, Deus deseja a salvação de todos” (IV:R:2). Mas este credo Reformado chama isso de um “erro” e pronuncia sua “rejeição” à isso.

Vale a pena apontar a forte ênfase na *condicionalidade* da salvação no esquema Amiraldiano e a repetida rejeição disto nas *Teses de Genebra*. Em seus sete artigos contra a livre oferta, este credo de 1649 usa o substantivo “condição” ou “condições” duas vezes (II:R:1; IV:1), o advérbio “condicionalmente” duas vezes (III:R:1; IV:1) e o adjetivo “condicional” uma vez (II:R:2) em sua descrição e crítica ao Salmurianismo. As condições são fé (II:R:2; III:R:1) ou, mais completamente, fé e arrependimento (II:R:1; IV:1). O ensino Amiraldiano de uma salvação condicional para todos, cabeça por cabeça, se eles se arrependerem e crerem (II:R:1, 2; III:R:1; IV:1) milita contra a predestinação eterna e incondicional de Deus (II; cf. II:R:1, 2), o particular e efetivo sacrifício de Cristo (III; cf. III:R:1) e a indisposição do homem em relação à graça (IV; cf. IV:1)—como faz a oferta bem intencionada.

Desde que o Todo-Poderoso não concede arrependimento e fé a absolutamente todos (II:3, 4; III:1, pp. 419, 420), e, por definição, a salvação do “réprobo” é “impossível”, as *Teses de Genebra* repudiam a oferta livre por isso, como o Amiraldianismo, postular “uma vazia, enganosa e sem utilidade intenção e vontade de Deus” (IV:1)!

Primeiro, a oferta bem intencionada é “vazia” em se opondo à cheia, rica e eterna vontade, desejo, volição e revelada disposição do bendito Deus Triúno que manifesta a sabedoria, poder e glória do Pai, Filho e Espírito Santo na salvação do eleito (Efésios 1:3-14), “um certo número de homens que compõe Seu (Cristo) corpo místico” (III:2, p. 420). Quão “vazias” as tolas especulações de Saumur e da oferta bem intencionada se mostram quando colocadas à luz do agradecimento do nosso Salvador ao Seu Pai pela revelação da vontade incondicional de Deus de eleição e reprovação nos resultados divinamente ordenados da pregação do evangelho!

Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mat. 11:25-27).

Segundo, a oferta bem intencionada é “enganosa” já que não é honesta ou sincera por clamar como evangelho que o Deus da verdade deseja salvar cada pessoa réproba quando Ele não tem tomado nenhum dos passos necessários para livrá-los do pecado e destruição e trazê-los para a alegria do elo de comunhão com o Deus vivo (Confissão de Westminster 3:3-7). Jeová não elegeu nem redimiu qualquer um deles e Ele nunca regenera, chama, justifica, adota, santifica, preserva ou glorifica qualquer um dos réprobos. Ao contrário, o infinitamente Santo de maneira justa os odeia e os endurece como “vasos da ira, preparados para perdição” (Rom. 9:10-24).

Terceiro, a oferta livre é completamente “inútil,” como as *Teses de Genebra* apontam, porque isso não salvou, não salva e não salvará um réprobo sequer em toda a história do mundo. Por que? Porque, por denificação, isto não pode salvar ninguém. Contra o deus impotente da oferta bem intencionada, nós confessamos, “Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou” (Salmo 115:3), pois, diferente do deus de Saumur e muito do evangelicalismo moderno, o Deus verdadeiro proclama, “O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Isaías 46:10)!

Qualquer deidade com uma vontade “vazia, enganosa e inútil” é um deus “vazio, enganoso e inútil”. Ao contrário da divina vontade e deus “vazio, enganoso e inútil” da oferta livre, este credo Genebrino fala repetidamente sobre o eterno decreto, conselho, boa vontade, predestinação e eleição de Deus. Concernente a predestinação de Jeová, este credo confessa, “Aqueles a quem Deus *elegeu em Cristo* por meio de sua *boa vontade somente e, somente* aqueles, Ele *decretou dar ao Filho*, e concedê-los fé a fim de que eles *fossem trazidos para a vida eterna*” (II:3, p. 419 *itálicos meus*). Concernente ao propósito de Cristo de redimir somente aqueles que o Pai Lhe deu, nós lemos, “Por estes, o próprio Cristo, *perfeitamente consciente da Sua vocação, desejou e resolveu* morrer e acrescentar ao infinito valor de Sua morte o *mais eficaz e singular propósito de Sua vontade*” (III:3, p. 420; *itálicos meus*). Não é de admirar que as *Teses de Genebra* não tenham lugar ou tolerância para a falsidade da livre oferta em relação à vontade de Deus em Jesus Cristo!

O Amor de Deus

Ambos, Amiraldianismo e a teologia da livre oferta, ensinam falsas concepções da vontade de Deus e do amor de Deus. Em rejeitando a doutrina de Moise Amyraut sobre o amor de Deus, as *Teses de Genebra* também repudiam as concepções de Louis Berkhof, John McArthur, Phil Johnson, John Piper, etc.

Primeiro, estes homens atribuem ao Todo-Poderoso um “amor” universal (II:R:2; III:R:1), “benevolência” (II:R:2, 4), “afeição” (II:R:2), misericórdia (II:R:3) e “graça” (III:R:1) por “toda a raça humana sem limite” (II:R:3). Eles “ensinam que em Deus existe ... alguma boa vontade de salvar aqueles que perecem” (II:R:1). Esta “boa vontade” é uma atitude favorável ou atitude graciosa ou disposição para com o réprobo.

Segundo, com a extensão do amor de Deus, existe a questão do “número” do amor divino. Saumur ensinou uma graça ou misericórdia de Deus “dupla” assim como todos os defensores da livre oferta. Essa “dupla benevolência” consiste em “uma clara ou primeira e universal pela qual Ele desejou cada pessoa ser salva: a outra mais clara, secundária e particular direcionada aos eleitos” (II:R:4).

Terceiro, e sobre esse grau e poder desta afeição divina secundária e universal? Novamente o Amiraldianismo e a oferta bem intencionada concordam: isto é um “amor menos ardente” (II:R:2), um amor sem o poder necessário para salvar. Daí

este amor divino da oferta livre cair sob a condenação deste credo Genebrino como “vazio, enganoso e inútil” (IV:1). As correspondências são estranhas!

O leitor atento notará da letra “R”, em todos os parênteses nos três parágrafos acima, que as visões do Amiraladianismo e da oferta bem intencionada de um secundário, menor amor divino, graça, benevolência, misericórdia ou afeição em relação ao réprobo são classificadas não como bíblicas ou confessionais ou Reformadas mas como *erros* que são *rejeitados* pelas *Teses de Genebra!*

Este lindo credo somente conhece um amor de Deus por algumas pessoas: “Seu eterno amor pelos eleitos” (II:2, p. 419). Este “incomparável amor e misericórdia de Deus” é exaltado nestas palavras de conforto sobre nossa graciosa salvação em Jesus Cristo, pois é seguro e certo do começo ao fim:

O incomparável amor e misericórdia de Deus é a única causa tanto do envio do Filho como também da satisfação designada previamente por meio dEle, mesmo a concessão da fé e aplicação do mérito por meio dela: tais benefícios não podem ser objetos de separação ou serem separados de si mesmos (II:4, p. 419).

Textos Chave

A oferta livre envolve não somente duas falsas doutrinas intrinsecamente relacionadas no que concerne a Deus (em relação a Sua vontade e Seu amor pela salvação do réprobo) mas também apela (de maneira errada) para certos textos da Escritura como se eles suportassem esses erros. Esta confissão de 1649 declara,

Rejeição do erro daqueles: Que ensinam que ... mais especialmente, as passagens da Escritura (Ezequiel 18:21 etc. e 33:11; João 3:16; I Tim. 2:4; 2 Pedro 3:9) devem ser estendidas para todos e, por esses, a universalidade do amor e da graça deve ser provada (III:R:1).³

Quão frequentemente os defensores da livre oferta em nossos dias clamam que “mundo” em João 3:16 inclui aqueles que nunca são salvos! Assim eles acabam chegando a um amor resistível de Deus pelo réprobo, contrariando o Capítulo IV dos Cânons de Dordt, como também chegando a uma forma de sacrifício universal. Esses professos Calvinistas não parecem estar incomodados que o último segue necessariamente do antigo; sim, alguns até afirmam isso de maneira explícita como se os Cânons de Dordt não ensinassem a verdade escriturística da cruz do Senhor como particular e efetiva e para o eleito somente (II:8-9)!⁴

Pouco mudou nos mais de 350 anos desde as *Teses de Genebra*. Além de João 3:16, os textos raspados, em nossos dias, em defesa da oferta bem intencionada ainda são os versos Ezequielianos, I Timóteo 2:4 e II Pedro 3:9.⁵ A única surpresa é que Mateus 23:37 não é citado.⁶ De fato, os quatro textos mencionados nas *Teses de Genebra* III:R:1 são aqueles utilizados pelos inimigos da soberana graça de Deus na igreja primitiva, na Idade Média, na Reforma, na igreja pós-Reforma e em nossos tempos.

É raro que um credo Reformado mencione as errôneas exegeses de passagens específicas da Palavra de Deus. É altamente revelador que as *Teses de Genebra* façam exatamente isto e que os versos bíblicos mencionados são os próprios textos utilizados pelos defensores da livre oferta nos dias de hoje em suporte de um “amor e graça” universal divino que é “estendido a todo e cada homem” e que deseja salvar a todos! Estas são também “mais especialmente, as passagens da Escritura” (III:R:1) citadas pelos Pelagianos, Semi-Pelagianos, Católicos Romanos, Anabatistas e Arminianos, como também os Amiraldianos e os homens da oferta bem intencionada.⁷

Confissão Confidente

É significativo que (1) essa confissão anti livre oferta é infralapsariana (II:1, p. 419), de modo que sua oposição à oferta bem intencionada não pode ser descartada meramente como um “extremismo” supralapsariano; (2) ela foi aprovada pela Venerável Companhia de Pastores da Genebra de Calvino e “assinada em nome deles pelo moderador, Joannes Jacobus Sartorius (1619-1690)” (p. 414), de modo que dificilmente possa ser deturpada e ridicularizada como hiperCalvinista; (3) ela é uma confissão oficial da igreja e não meramente um sermão ou um comentário sobre a Escritura ou um escrito teológico, de modo que ela não apresenta meramente os sentimentos pessoais de um ministro ou de um professor; (4) o seu título contém a palavra “teses”, indicando que estas proposições teológicas devem ser firmemente mantidas contra todas as oposições e opositores; e (5) professores e ministros de Genebra, e aqueles treinados na Academia de Genebra para serem designados em outros lugares, por exemplo, na França e nas Planícies, tinham que aderir às Teses (p. 414).

“O Amiraldianismo com sua teologia da oferta bem intencionada é um ‘grande negócio’? É tão ruim assim? Por que você deve continuamente se opor à isso?” Alguns fizeram essa crítica à igreja Genovesa no século XVII, como eles fazem contra aqueles que hoje, como a BRF, antiteticamente mantém a absoluta soberania de Deus. Bem, a Venerável Companhia de Pastores chegou a escrever uma nova e confidente confissão contra essa crítica: as *Teses de Genebra*! Um quarto de século depois, Genebra e as igrejas Reformadas Suíças produziram e adotaram outro credo contra Saumur e a livre oferta: *A Fórmula de Consenso Helvético* (1675), que deverá ser considerada depois.

Consenso Genevensis de Calvino

Théodore Tronchin, Antoine Léger e as *Teses de Genebra* (1649) permanecem sólidos na linha de João Calvino (1509-1564), o grande Reformador de Genebra. A seguinte longa citação do *Consenso Genevensis* de Calvino (1552) mostra que ele mantinha a verdade escriturística da absoluta soberania de Deus juntamente com as *Teses de Genebra* e Agostinho contra os Pelagianos e Católicos Romanos com sua falsa exegese da livre oferta sobre I Timóteo 2:4 (e Mateus 23:37).

A dificuldade, de acordo com Pighius [um teólogo Católico Romano], que está em outro lugar de Paulo, onde o apóstolo afirma que Deus “quer que todos os homens sejam salvos, e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tim. 2:4), é resolvida em um momento e por uma questão que é, *Como Deus deseja que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade?* Porque Paulo une esta *salvação* e esta *vinda ao conhecimento da verdade*. Agora, eu iria perguntar, a mesma vontade de Deus permaneceu igual desde o começo do mundo ou não? Porque se Deus quisesse ou desejasse que Sua verdade fosse conhecida por *todos os homens*, como foi que Ele não proclamou ou fez conhecida a Sua lei ao *Gentios* também? Por que Ele confinou a luz da vida dentro dos limites estreitos da *Judéia*? E o que Moisés quer dizer quando Ele diz, “Pois, que nação há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que nação há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje ponho perante vós” (Deut. 4:7-8)? O Divino doador da lei certamente quer dizer que não havia outra nação que tivesse estatutos e leis pelos quais fosse governada como aquela nação. E o que faz Moisés aqui senão exaltar o peculiar privilégio da raça de Abraão? À isto responde o alto louvor de Davi, pronunciado sobre a mesma nação: “Não fez assim a nenhuma outra nação; e quanto aos seus juízos, não os conhecem” (Salmo 147:20). Nem devemos desconsiderar a razão expressa atribuída pelo Salmista, porquanto Deus “amou teus pais, e escolheu a sua descendência depois deles” (Deut. 4:37). E por que Deus os escolheu? Não porque eles eram, em si mesmos, melhores que os outros, mas porque *agradou* a Deus escolhê-los como Seu “próprio povo” [Deut. 14:2; 26:18; I Pedro 2:9]. O que? Devemos supor que o apóstolo não sabia que ele mesmo havia sido impedido pelo Espírito Santo de “anunciar a palavra” na Ásia, e de passar em Bitínia [Atos 16:6-7]? Mas como a continuação deste argumento nos renderia ao prolixo, iremos nos contentar em tomar mais uma posição: que Deus, depois de ter ascendido a vela da vida eterna para os *Judeus* somente, fez os *Gentios* vaguearem por muitos anos na escuridão da ignorância; e que, longamente, essa benção e dádiva especial foram prometidas para a Igreja: “Mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e sua glória se verá sobre ti” (Isaías 60:2). Agora deixe Pighius se gabar, se ele puder, que Deus deseja que todos os homens sejam salvos! Os argumentos acima, fundamentados nas Escrituras, provam que mesmo a pregação externa da doutrina da salvação, que é muito inferior à iluminação do Espírito, não foi feita comum a todos os homens por Deus.

Esta passagem do apóstolo (1 Tim. 2:4) foi há muito tempo atrás apresentada pelos Pelagianos e manipulada contra nós com toda a sua força. Acho que seja necessário apresentar, na presente ocasião, o que Agostinho adiantou em resposta a eles em muitas partes de seus trabalhos. Eu irei somente adicionar uma passagem que, de maneira clara e breve, prova quão despreocupadamente ele desprezava a objeção deles agora em questão. “Quando nosso Senhor lamenta (diz ele) que embora Ele desejasse reunir os filhos de Jerusalém como uma galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, mas eles não quiseram [Mat. 23:37], devemos considerar que a vontade de Deus foi dominada por um número de homens fracos de modo que Aquele que era o Todo-Poderoso não poderia fazer o que Ele havia desejado ou queria fazer? Se sim, o que seria daquela onipotência pela qual

Ele fez ‘tudo o que Ele quis, nos céus e na terra’ [Salmo 135:6]? Além disso, quem seria tão profanamente louco de dizer que Deus não pode converter os maus desejos dos homens para o bem *quando* Ele quer e *como* Ele quer? Agora, quando Ele faz isso, Ele faz em *misericórdia*; e quando Ele não faz isto, em julgamento Ele não faz.”

... O verdadeiro significado de Paulo, contudo, na passagem agora em consideração [1 Tim. 2:4] é perfeitamente claro e inteligível para aquele que não está determinado em contenção. O apóstolo está exortando que todas as solenes “súplicas, orações, intercessões, e ações de graças, sejam feitas por todos os homens: por reis e por todos aqueles que estão em autoridade.” E porque haviam, naqueles tempos, muitos inimigos da Igreja tão cruéis e amargos, Paulo, para evitar que o desespero atrapalhasse as orações dos fiéis, apressa-se para enfrentar suas aflições pedindo sinceramente a eles para serem imediatos em oração “por todos os homens,” e especialmente “por aqueles em autoridade.” “*Porque* (diz o apóstolo) Deus quer que *todos os homens* sejam salvos.” Quem não vê que o apóstolo aqui está falando de *todas as ordens de homens* ao invés de indivíduos? De fato, essa distinção que os comentaristas aqui fazem não é sem grande razão e ponto; que *nações* de indivíduos, não *indivíduos* de nações, são aqui intencionados por Paulo (vol. 1, pp. 757-759; itálicos aqueles do livro)

James Dennison observa, “O Senado de Genebra reconheceu [O Consenso Genevensis de Calvino] como um elemento definidor da Reforma em sua cidade” (vol. 1, p. 692). Esta confissão prosseguiu com “O Consentimento dos Pastores da Igreja de Cristo em Genebra” (vol. 1, p. 693), como também as *Teses de Genebra*. A Venerável Companhia de Pastores, tanto nos dias de Calvino (1562) e no tempo das *Teses de Genebra* (1649), concordaram que 1 Timóteo 2:4 não deveria “ser estendido para todo e qualquer homem” (III:R:1).

A Confissão de Theodore Beza

As *Teses de Genebra* (1649) está em uma corrente de literatura confessional Genebrina de anti-livre oferta que inclui não somente O Consenso Genevensis de Calvino (1552) mas como também a Confissão de Theodore Beza (1560), escrita oito anos depois pelo digno sucessor de Calvino.

Interessantemente, Théodore Tronchin foi nomeado após seu avô materno, Théodore Beza (1519-1605), e sua mãe, Théodora, que foi a filha adotada do grande Beza! Assim como as *Teses de Genebra* quase noventa anos depois (III:R:1), Beza expressou em credo que aqueles para com quem Deus é “longânimo” e que “não quer que se percam” são os eleitos e não os réprobos (2 Pedro 3:9). Assim como o *Consenso Genevensis* de Calvino em 1 Timóteo 2:4, a *Confissão de Théodore Beza* também concorda com as *Teses de Genebra* que 2 Pedro 3:9 não deveria “ser estendido para todo e qualquer homem” (III:R:1). Portanto nós lemos na *Confissão de Théodore Beza*:

Finalmente, nós cremos, de acordo com a Palavra de Deus, que no tempo ordenado de Deus (Atos 3:21; 1 Pedro 4:7), o qual os próprios anjos não

sabem (Mateus 24:36; 25:13; 1 Tess. 5:1-2), Jesus Cristo *vendo o número dos seus eleitos cumprido e realizado* (Ap. 6:11; 2 Pedro 3:9) virá do céu em corpo com Sua majestade divina (Atos 1:11; Mateus 24:30), este antigo mundo sendo consumido por fogo (2 Pedro 3:10) (vol. 2, p. 333; itálicos meus).

Esta também é uma interpretação anti-livre oferta de 2 Pedro 3:9 na *Confissão de Tarcal* (1562) e *Torda* (1563), um credo Reformado Húngaro elaborado por Péter Melius Juhász (1532-1572) que parece ter utilizado a *Confissão de Théodore Beza* (1560) com algumas modificações:

Nós cremos, a partir da Palavra de Deus, que o dia virá em um certo tempo que até mesmo os anjos não sabem, quando, *depois do número dos eleitos ser cumprido* e o mundo ter começado a ser expurgado pelo fogo, Jesus Cristo virá do céu em Sua visível e verdadeira forma humana (mas vestido de divina majestade), que todos os homens que existiram desde o começo do mundo devem aparecer diante dEle (Atos 3:21; 1 Pedro 4:7; Mat. 24:13, 36; 1 Tess. 5:2; Ap. 6:11; 2 Pedro 3:9, 12; Atos 1:11; Mat. 24:30) (vol. 2, p. 751; itálicos meus).

Turretin e a Fórmula de Consenso Helvético

Tronchin foi sucedido em sua cadeira de teologia na Academia de Genebra por ninguém menos que Francis Turretin (1623-1687), que assinou e defendeu vigorosamente as *Teses de Genebra* (1649). Junto com John Heidegger (1633-1698) de Zurique e Lucas Gernier (1625-1675) de Basileia, Francis Turretin de Genebra foi um dos três dignatários que produziram e promoveram a *Fórmula de Consenso Helvético* (1675), que, como o seu título estenso afirma, foi “designada para condenar e excluir aquela modificada forma de Calvinismo” que “emanou da escola teológica de Saumur” (vol. 4, p. 518) para que ela não “infectasse nossas igrejas” (vol. 4, p. 519). De acordo com o “Prefácio”, isto “especialmente” incluiu “as doutrinas que concernem à extensão da graça divina,” porque esta teologia abraçava uma forma de “graça universal” (vol. 4, p. 519; cf. p. 518), como a livre oferta.

Canon VI merece ser citado na íntegra:

Canon VI: Portanto, nós não podemos concordar com a opinião dos que ensinam: 1) que Deus, movido por filantropia, ou um tipo de amor especial pela raça humana caída em um tipo de vontade condicionada, movido por pena, como eles chamam isto, ou um desejo ineficaz, determinou a salvação de todos, condicionalmente, i.e., se eles cressem; 2) que ele determinou Cristo como Mediador de todos e cada um dos caídos; e 3) que, por fim, alguns que ele considerava, não somente como pecadores no primeiro Adão, mas como redimidos no segundo Adão, ele elegeu, isto é, ele determinou graciosamente conceder a estes, no tempo, o dom salvífico da fé; e neste único ato a eleição propriamente dita é completa. Pois este e todos os outros ensinamentos similares não são de nenhuma maneira desvios insignificantes do ensino correto sobre eleição divina; porque as Escrituras não estendem à todos o propósito de Deus em mostrar misericórdia ao homem, mas restringe

isto ao eleito somente, o réprobo sendo excluído até mesmo por nome, como Esaú, a quem Deus odiou com ódio eterno (Rom. 9:13). As mesmas Sagradas Escrituras testificam que o conselho e a vontade de Deus não mudam, mas permanecem imóveis, e Deus nos céus faz o que lhe apraz (Salmo 115:3; Isaías 46:10); pois Deus é infinitamente removido de toda imperfeição humana que caracteriza afeições e desejos ineficazes, precipitação, arrependimento e mudança de propósito. A determinação, também, de Cristo como Mediador, igualmente com a salvação daqueles que foram dados a ele por possessão e herança que não pode ser tirada, procede de uma mesma eleição, e não forma a base da eleição. (vol. 4, pp. 521-522).⁸

O Amiraldianismo é visto por incluir o que agora é chamado de oferta bem intencionada em que ambos se apegam a uma certa “filantropia” ou “amor” ou “pena” ou “graça” ou “misericórdia” ou “afeição” por absolutamente todos os homens e que deseja a salvação de todos eles com um “desejo ineficaz”; Heidegger, Gernler e Turretin contendem que “este e todos os outros ensinamentos similares não são de nenhuma maneira desvios insignificantes do ensino correto sobre eleição divina” pois “as Escrituras não estendem a todos o propósito de Deus em mostrar misericórdia ao homem, mas restringe isto ao eleito somente, o réprobo sendo excluído até mesmo por nome, como Esaú, a quem Deus odiou com ódio eterno (Rom. 9:13).” A *Fórmula de Consenso Helvético* fielmente declara que “Deus é infinitamente removido de toda imperfeição humana que caracteriza afeições e desejos ineficazes” pois “Deus nos céus faz o que lhe apraz (Salmo 115:3).”

Em citando este último texto bíblico, este credo Reformado ecoa muitos dignitários que citaram Salmo 115:3 (e Salmo 135:6, que é similar), como Agostinho de Hipona (354-430), Fulgentius de Ruspe (468-533) e Gottschalk de Orbais (c.808-c.867), em suas oposições a um “desejo ineficaz” em Deus de salvar o réprobo ensinado pelos Pelagianos e Semi-Pelagianos.⁹

De acordo com o desejo eficaz de Deus, perfeição absoluta e “conselho e vontade” “imóveis” em Sua eleição e reprovação incondicional (Canon VI), Canons XVII-XXI da *Fórmula de Consenso Helvético* apresenta a doutrina bíblica e Reformada do chamado à salvação (vol. 4, pp. 525-528). Canon XIX é o artigo chave:

Da mesma forma, o próprio chamado externo, que é feito pela pregação do Evangelho, é também da parte do próprio Deus, que sinceramente chama. Pois em sua Palavra ele mais séria e verdadeiramente revela, não, de fato, sua vontade secreta em respeito a salvação e destruição de cada indivíduo, mas nossa responsabilidade, e o que irá acontecer conosco se fizermos ou negligenciarmos esse dever. Claramente esta é a vontade de Deus que chama, que aqueles que são chamados venham a Ele e não negligenciem tão grande salvação, e então Ele sinceramente promete vida eterna para aqueles que vem a Ele pela fé; pois, como o Apóstolo declara, “Palavra fiel é esta: que, se morrermos com Ele, também com Ele viveremos; Se sofrermos, também com Ele reinaremos, se O negarmos, também Ele nos negará; Se formos infiéis, Ele permanece fiel; não pode negar-se a Si mesmo” (2 Tim. 2:11-13). Nem é esta chamada sem resultado para aqueles que desobedecem; pois Deus sempre realiza sua vontade, mesmo a demonstração do dever, e seguindo isto, ambos a salvação dos eleitos que

realizam suas responsabilidades ou a inescusabilidade do resto que negligencia o dever que lhes é imposto. Certamente, o homem espiritual de modo algum determinou o propósito eterno de Deus de produzir fé junto com a Palavra de Deus externamente oferecida ou escrita. Além disto, porque Deus aprovou toda a verdade que flui do seu conselho, é corretamente dito ser sua vontade, que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna (João 6:40). Embora estes “todos” sejam apenas os eleitos, e Deus não formou nenhum plano de salvação universal sem qualquer seleção de pessoas, e Cristo, portanto, não morreu por todos mas somente pelos eleitos que lhe foram dados; ainda assim, ele pretende que isso, em qualquer caso, seja universalmente verdadeiro, o que decorre de seu propósito especial e definido. Mas isso, pela vontade de Deus, os eleitos só crêem pelo chamado externo que é universalmente oferecido, enquanto os réprobos são endurecidos. Isto procede tão somente da graça discriminatória de Deus; eleição pela mesma graça para aqueles que crêem, mas sua própria maldade nativa para os réprobos que continuam em pecado, que, após seu endurecido e impenitente coração, amontoam para si ira para o Dia do Juízo, e revelação do justo julgamento de Deus [Rom. 2:5] (vol. 4, pp. 526-527).

Por meio da pregação, o Deus Triúno revela o “dever” e “responsabilidade” do homem, e Seu evangelho tem comandos, requerimentos, “promessas” e ameaças: “o que acontecerá conosco se nós ... negarmos este dever.” Na chamada externa, como com todas as coisas (Efésios 1:11), “Deus sempre realiza sua vontade,” em “ambos a salvação dos eleitos” ou “a inescusabilidade do resto que negligencia o dever que lhes é imposto” e são “endurecidos”, de acordo com “o propósito eterno de Deus,” porque a proclamação da sua Palavra nunca é “sem resultado,” até mesmo “para com aqueles que desobedecem.”

Portanto Canon XIX ensina a “vontade secreta em relação a salvação ou destruição de cada indivíduo,” ou seja, Sua vontade de decreto; e Sua “vontade” de comando que “aqueles que são chamados venham a ele e não negligenciem tão grande salvação,” para a “aprovação” de Deus do arrependimento e fé do homem. Contrariamente ao Arminianismo, Amiraldianismo e a visão da oferta bem intencionada, Turretin e a *Fórmula de Consenso Helvético* explicam como o evangelho é proclamado “seriamente”, “sinceramente” e “verdadeiramente”, sem o desejo ineficaz do Todo-Poderoso em salvar o réprobo.¹⁰

Heidegger, Gernler e Turretin rejeitam dois males, um a esquerda e outro a direita. A Confissão Suíça Reformada não somente se opõe ao hipoCalvinismo, como nós vimos acima; ela também rejeita a heresia do hiperCalvinismo de que a chamada externa é para ser feita somente aos “pecadores sensíveis,” como nós veremos por uma consideração mais profunda do Canon XIX em conexão com este ponto. HiperCalvinistas negam o dever de arrependimento e o dever de fé, sustentando que incrédulos não são para serem comandados no evangelho a se arrependerem e crerem de maneira salvífica em Jesus Cristo. No entanto, na pregação, Deus comanda a todos que escutam a “virem a ele por meio da fé” e crerem no “Filho” para “terem vida eterna,” pois o “chamado externo ... é *universalmente* oferecido,” apesar de “somente o eleito crer ... enquanto os réprobos são endurecidos” pela mesma chamada do evangelho. Canon XIX expressamente se refere em três partes ao “dever” de todos debaixo da pregação de virem a Cristo, quer sejam crentes ou

incrédulos, eleitos ou réprobos. Este também fala duas vezes da “responsabilidade” de todos em crerem em Jesus, o único Salvador.¹¹

Aqueles que “desobedecem” a chamada do evangelho e “negligenciam o dever diante deles imposto” e “continuam em pecado” serão punidos terrivelmente: “após seu endurecido e impenitente coração, amontoam para si ira para o Dia do Juízo, e revelação do justo julgamento de Deus [Rom. 2:5].” Nossa salvação é pela graça somente: “pela vontade de Deus, somente o eleito crê pela chamada externa ... Isto procede somente da graça discriminatória de Deus.”

Conclusão

Um fluxo perenemente claro da literatura confessional Genebrina que defende o efetivo desejo salvador de Deus e rejeita a divina vontade de salvar o réprobo, e evita o hipo e o hiperCalvinismo, vai do *Consenso Genevensis* de Calvino (1552) à *Confissão de Theodore Beza* (1560) às *Teses de Genebra* de Théodore Tronchin e Antoine Léger's (1649) e à Francis Turretin e a *Fórmula de Consenso Helvético* (1675). Quando Genebra se afastou da verdade da absoluta soberania de Deus que é “o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas,” as “cisternas rotas” do Amiraldianismo, teologia da livre oferta, etc., “que não retêm águas,” ela se afastou de seus credos e apostatou (Jer. 2:13).¹²

De toda a literatura confessional Reformada, incluindo os 4 credos mencionados acima, como também, por exemplo, os *Cânons de Dordt* (1618-1619), as *Teses de Genebra* se destacam como as mais curtas, ao mesmo tempo em que abordam todos os principais aspectos da oferta livre (sua visão da vontade e do amor de Deus, e suas alegadas provas bíblicas) e fazendo tão antiteticamente em suas seções de rejeição de erros, apresentam a bem intencionada oferta como contrária à predestinação absoluta de Deus (II), redenção particular de Cristo (III) e a chamada efetiva do Espírito (IV). Esperançosamente, no propósito soberano de Deus, essa “jóia recentemente descoberta” atrairá atenção generalizada e virá a ser admirada e apreciada pela linda e pequena jóia que é.

¹ James T. Dennison, Jr. (ed.), *Reformed Confessions of the 16th and 17th Centuries in English Translation*, 4 vols. (Grand Rapids, MI: Reformation Heritage Books, 2008-2014).

² Ao invés de Ezequiel 31:11 na tradução em Inglês (p. 421), eu troquei a referência para Ezequiel 33:11, que é o verso claramente intencionado, como indicado pelo original em Latin (p. 417).

³ Francis Turretin pergunta, “Pode ser atribuída a Deus qualquer vontade condicionada, ou propósito universal ou propósito de pena de toda a raça humana caída em pecado, em destinar Cristo como Mediador para todos, e em chamá-los todos para uma participação salvadora dos seus benefícios?” e responde com uma negação firme: “Nós negamos” (*Institutes of Elenctic Theology*, trans. George Musgrave Giger, ed. James T. Dennison [Phillipsburg, NJ: P&R, 1992], vol. 1, p. 395; itálicos meus). Então segue-se dez páginas de argumentos sólidos a partir da Escritura e dos *Cânons de Dordt* (III/IV:8) rejeitando as posições da oferta livre dos Luteranos, dos Arminianos e dos Amiraldianos (pp. 395-404). As próximas nove páginas de Turretin contêm uma minuciosa refutação a partir da Palavra de Deus, Agostinho, Calvino e Beza de uma falha interpretação de quatro passagens bíblicas

utilizadas em suporte de um falho desejo de Deus de salvar o réprobo (pp. 405-413). Interessantemente, estas são as mesmas quatro listadas nas *Teses de Genebra* III:R:1: João 3:16, Ezequiel 33:11, 1 Timóteo 2:4 e 2 Pedro 3:9! Turretin era um Genebrino que assinou e apoiou as *Teses*.

⁴ Para uma fiel, on-line, exegese Reformada de João 3:16, veja Homer C. Hoeksema, “[God So Loved the World \(John 3:16\)](#),” que também inclui as sãs interpretações de Francis Turretin, Abraham Kuyper e A. W. Pink.

⁵ Muitas citações ortodoxas em [Ezekiel 18:23, 32 and 33:11](#), [I Timothy 2:4](#) e [II Peter 3:9](#), tem sido coletadas on-line.

⁶ Muitas citações ortodoxas em [Matthew 23:37](#) tem sido coletadas on-line.

⁷ Para um trabalho Reformado contra um defensor Anabatista da oferta livre, incluindo a interpretação da oferta bem intencionada dos textos bíblicos padrões, veja este excelente livro de John Knox (c. 1514-1572): *On Predestination, in Answer to the Cavillations by an Anabaptist* (1560), in *The Works of John Knox*, ed. David Laing (USA: Banner, 2014), vol. 5, pp. 7-468.

⁸ Eu corriji dois dos três textos citados, mudando Romanos 9:11 por Romanos 9:13, e Isaías 47:10 por Isaías 46:10.

⁹ Veja, e.g., Augustine, *The Enchiridion on Faith, Hope and Love*, ed. Henry Paolucci, trans. J. F. Shaw (Chicago: Henry Regnery Co., 1961), xciv-ciii; Francis X. Gumerlock, *Fulgentius of Ruspe on the Saving Will of God: The Development of a Sixth-Century African Bishop's Interpretation of I Timothy 2:4 During the Semi-Pelagian Controversy* (Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 2009); Victor Genke and Francis X. Gumerlock (eds. & trans.), *Gottschalk and a Medieval Predestination Controversy: Texts Translated From the Latin* (Milwaukee, WI: Marquette University Press, 2010).

¹⁰ Os *Cânon*s de *Dordt* ensinam a mesma verdade: “Porque Deus tem *sinceramente e verdadeiramente* mostrado em Sua Palavra o que é *agradável* a Ele, a saber, que aqueles que são chamados devem vir a Ele. Ele, além disso, *promete seriamente* vida eterna e Descanso para *tantos quanto vierem a Ele e crerem nEle*” (III/IV:8).

¹¹ Da mesma forma, os *Cânon*s de *Dordt* declaram, “A promessa do evangelho é que todo aquele que crer em Cristo crucificado não perecerá, mas tem a vida eterna. *Esta promessa deve ser anunciada e proclamada a todas as nações e a todas as pessoas promiscuosamente e sem distinção*, aos quais Deus em Seu benepácito envia o evangelho *juntamente com o mandamento de que se arrependam e creiam*” (II:5).

¹² Cf. James T. Dennison, Jr., “The Life and Career of Francis Turretin,” in Turretin, *Institutes of Elenctic Theology* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1997), vol. 3, pp. 639-658; James T. Dennison, Jr., “The Twilight of Scholasticism: Francis Turretin at the Dawn of the Enlightenment,” in Carl R. Trueman and R. S. Clark (eds.), *Protestant Scholasticism: Essays in Reassessment* (Great Britain: Paternoster, 1999), pp. 244-255.

Artigo traduzido por Legado Reformado: <https://legadoreformado.wordpress.com>